



Do papel para o concreto



► Pedra fundamental da futura sede do Centro de Documentação e História da Saúde

Jacqueline Boechat

A

os poucos, o prédio do Centro de Documentação e História da Saúde (CDHS) deixa de ser um projeto para transformar-se em realidade. Em outubro, foi lançada a pedra fundamental do complexo de cinco pavimentos que reunirá todos os acervos científicos e culturais da saúde sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), incluindo três patrimônios da Humanidade. A parte inicial do trabalho, prevista para durar 18 meses, compreende a construção das estruturas e a colocação das fundações. A instalação de tapumes, a implantação do canteiro de obras e a demolição de um galpão para armazenamento foram as intervenções realizadas até o momento.

Durante a demolição, foram encontrados vestígios do que pode ter

sido o alicerce do depósito de um complexo de incineração de lixo urbano do século 19. Como o *campus* de Mangueiros é um sítio arqueológico, a possibilidade já havia sido considerada previamente. Em 2010, o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da COC desenvolveu um estudo que indicou a necessidade da realização de uma pesquisa arqueológica no local. “Pela análise da sobreposição de vestígios do século 19 com a planta atual do *campus*, pode-se afirmar que o alicerce encontrado faz mesmo parte do antigo complexo, o qual incluía uma chaminé”, declara Inês El-Jaick Andrade, arquiteta do DPH.

A COC incluiu uma pesquisa arqueológica no escopo da obra, que foi encaminhada para a aprovação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). “O Iphan deve aprovar o projeto, por meio de uma portaria, autorizando as escavações na

área com a supervisão de um arqueólogo, o que deve ocorrer até meados de dezembro. Até lá, essa parte do trabalho está suspensa”, ressalta a chefe da seção de Infraestrutura Fiocruz e engenheira responsável pela obra Luciana Falcão.

Atualmente, está sendo construída uma nova subestação de energia elétrica para substituir a que deve ser removida do terreno onde ficará o prédio. “Isso é indispensável para garantir que o fornecimento de energia do entorno não seja interrompido e nos permite prosseguir enquanto esperamos a resposta do Iphan”, explica Luciana.

Assim que as escavações puderem ser retomadas, a Fiocruz deverá fazer uma proposta ao Iphan para preservar os vestígios arqueológicos, sem interromper as obras. “Tudo vai depender do que vamos encontrar e em que estado de conservação estará”, destaca Inês. O projeto do CDHS pode, por exemplo, incorporar as estruturas antigas por meio de janelas arqueológicas, que permitirão ao usuário e ao visitante ter um vislumbre do passado, enquanto transita por uma edificação que reflete o futuro. Nada mais lógico para um centro cuja missão é justamente a guarda da memória.

Desde a elaboração do seu projeto, que obteve do Inmetro a nota máxima do Programa Nacional de Eficiência Energética em Edificações (Procel Edifica), o CDHS tem a sustentabilidade ambiental, o aproveitamento dos recursos naturais e a inserção harmônica do prédio no entorno como expressões de ordem. Tal cuidado se verifica até mesmo nos tapumes cobertos com grafites relacionados ao acervo a fim de informar de maneira lúdica e moderna a comunidade interna e os visitantes sobre a importância da construção. As crianças da creche da Fiocruz, vizinha ao CDHS, também contribuíram, deixando sua marca em forma de desenhos coloridos nas placas. 